

Jul adora Brasil e se preocupa com América do Sul

ARNOLFO CARVALHO
Da Editoria de Economia

“Como sul-americana, preocupa-me a situação do endividamento dos países da região. Vejo com preocupação o efeito do esforço que estão fazendo para arcar com o ônus gerado pelas altas taxas de juros sobre o nível de vida da população, principalmente das pessoas mais carentes”. A surpreendente declaração é da economista Ana Maria Jul, do Fundo Monetário Internacional, que obteve autorização especial do chefe da Divisão do Atlântico, Thomar Reichmann, para conceder uma entrevista a um boletim de circulação interna do Departamento Econômico do Banco Central - o “Ramal Depec”.

Há tempos que ela vem recebendo pedidos de entrevista sobre sua própria pessoa - já que sobre economia é expressamente proibida de falar, como todo funcionário do FMI - para revistas, suplementos femininos, televisão e jornais, mas a todos explica que não pode, abrindo a primeira exceção para a edição inicial do jornalzinho do Departamento que

faz a ligação com Washington.

Informada da repercussão que a entrevista provocou e da intenção da imprensa em aproveitar o material, Ana Maria reagiu lembrando que “a publicação é de circulação reservada” etc, e aproveitou para reclamar de uma foto recente, em que sua despedida latino-americana do chefe do Depec, Silvio Alves, saiu nos jornais. Era apenas a maneira natural de se despedir dos amigos, com beijinhos no rosto, mas as interpretações é que são elas.

Mas a chefe-adjunta da Divisão do Atlântico do FMI diz que gosta muito dos brasileiros: “Adoro o Brasil, e isso não é nenhum exagero, nem falo assim porque estou dizendo isso para vocês. Gosto muito dos brasileiros. Acho que é um povo amigo, carinhoso, alegre, descontraído e pragmático. Sinto que tenho amigos aqui e, por isso, consigo me sentir bem toda vez que venho ao Brasil, o que alivia a carga de trabalho e a saudade que sinto a cada vez que saio de casa”.

Outras revelações da economista surpreenderam os brasileiros: sua re-

lação com a cidade vem de família, e ela tem até mesmo um tio enterrado em Brasília. “Minha tese de Doutorado em Economia na Universidade da Pensilvânia (EUA) foi um modelo macroeconômico da economia brasileira”. - Nasci em Santiago, no Chile, mas toda a minha vida tem estado relacionada com o Brasil, já que um tio meu morou aqui por 20 anos, morreu em Brasília e aqui está enterrado. Vim ao Brasil pela primeira vez quando tinha 14 anos, numa viagem de estudos com a turma do colégio. Brasília tinha sido inaugurada em abril de 1960 e eu estive aqui em setembro desse mesmo ano”.

Diz que “quando mais jovem nunca imaginei que levaria o tipo de vida agitada que levo. Desejava trabalhar como economista numa realidade interessante e desafiadora, e isso consegui” (sua carreira no FMI começou em novembro de 1976, na Divisão da América Central).

— Três anos depois fui transferida para a Divisão do Atlântico e vi transformado em realidade o meu sonho de trabalhar novamente ligada ao Brasil. Em

maio de 1983 ocupei a chefia adjunta da Divisão e, de lá pra cá, viajei 16 vezes ao Brasil”.

Perguntada pela publicação do Banco Central se era vaidosa, Jul deu a seguinte resposta: “Não posso dizer se sou ou não. Imagino que, como toda mulher, sou, já que gosto de me sentir atraente. Não dedico muito tempo a cuidar de minha aparência, mais por falta de tempo do que de boa vontade”.

Outras revelações de Ana Maria, que tem passado por aqui praticamente uma vez em cada um dos últimos meses: “Tiro férias sim, mas nem sempre regularmente, nem longas e nem na época em que eu gostaria. Há muito tempo que estou com vontade de tirar férias só para ficar em casa, mas não tem dado certo. Gosto de ir à praia, mas as nossas férias são quase sempre para visitar a família no Chile ou na Itália” (onde vive a família do seu marido, que é italiano).

Sobre o duplo papel de dona-de-casa e economista: “Concilio as duas coisas (lar e trabalho), primeiro graças ao apoio do meu marido. Quando não estou viajando, dividimos as ta-

refas; quando não estou em casa, ele toma conta de tudo.

— Além disso, a diversão e o contato com os amigos também ficam sacrificados”. Diz ainda que sente falta de convivência familiar para os filhos Gonzalo, de 10 anos, e Alejandra, de nove. “E gostaria de compartilhar minha vida com meus amigos de infância, colegas da escola e da universidade”.

Esporádica visitante da feira de artesanato na Torre de Brasília, Ana Maria Jul confessa algumas preferências: “Gosto muito do artesanato e da pintura. Em casa, temos muitos quadros que comprei na feira da Praça General Osório, no Rio de Janeiro”.

Outros gostos: “Adoro dançar ao ritmo da música latino-americana. Samba, rumba e tango. Gosto também de ler e sou apaixonada pelos livros de Vargas Llosa, Benedetti, Garica Marquez, Danosso e outros. Tenho lido várias obras de Jorge Amado. Outra coisa que gosto muito é tirar fotografias, e fora do trabalho gosto de passar o tempo com a minha família, trabalhar no jardim, arrumar a casa”.